

## REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DE UM EDUCANDO EM SITUAÇÃO DE *BULLYING*<sup>1</sup> ESCOLAR

Sérgio Rogério de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** Em um relato pessoal de um educando em situação de *bullying* escolar do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do interior do Estado de São Paulo, este estudo pretende compreender a maneira como se dá a (des)construção do processo identitário desse sujeito, levando em consideração o dizer do outro sobre ele como marca constitutiva de sua identidade. Ancorados nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, pelo jogo de representações imaginárias de Michel Pêcheux (1969) e no referencial teórico-metodológico *A escrita de si*, de Foucault (2004), buscamos examinar o processo identitário do escolar em situação de *bullying* com base nos referenciais teóricos de Hall (2011), Bauman (2005) e Coracini (2007). Em face do excerto analisado, pudemos observar que o sujeito em situação de *bullying* apresenta-se excluído, rejeitado e desidentificado.

**Palavras-chave:** Representações identitárias; análise do discurso; *bullying*.

**Abstract:** In a personal account of a learner in school bullying situation of ninth grade of elementary school to a public school in the State of São Paulo, this study seeks to understand the way how the (des) process identity construction of this subject, taking into account the mean of the other about him as constitutive of its brand identity. Anchored in the theoretical assumptions of the analysis of discourse of French line, imaginary representations by Michel Pêcheux (1969) and the theoretical-methodological writing of Foucault, (2004), we examine the process identity of the at-risk school bullying based on theoretical referential Hall (2011), Bauman (2005) and Coracini (2007). In the face of the extract analyzed, we could see that personage in bullying situation presents itself deleted, rejected and unidentified.

**Keywords:** identity representations; discourse analysis; bullying.

### Introdução

Nas últimas décadas, a violência escolar tem crescido significativamente e o mais preocupante é que ela tem ocorrido de diferentes formas em todos os níveis de escolaridade,

---

<sup>1</sup> *Bullying* é um termo da língua inglesa bully= “valentão” que se refere às agressões verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, praticadas por um ou mais indivíduos, causando às vítimas angústia e dor por meio de ameaças, de opressão, de intimidações e maus-tratos.

<sup>2</sup> Aluno do Programa de Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Câmpus de Três Lagoas/MS. Email: bildres@hotmail.com

de modo que, atos de violência que antes eram raros, tornaram-se constantes no cotidiano das escolas. Em meio a tantos tipos de violência, uma que vem recebendo bastante enfoque é o *bullying*, que diz respeito às frequentes práticas de agressão entre os alunos. Para Fante (2005), os atos de *bullying* apresentam características comuns, pois os comportamentos são produzidos repetitivamente num período prolongado de tempo contra um mesmo indivíduo sem motivos. Além disso, pode acontecer por meio de agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger).

Segundo Fante (2005), o *bullying* tem como marca constitutiva o desrespeito, a intolerância e o preconceito, que afetam as relações humanas. Essa autora defende que o *bullying* merece uma atenção especial, visto que os meios de comunicação, algumas vezes, confundem a opinião pública. Desse modo, há risco de generalizações, uma vez que todos os problemas entre os educandos podem se tornar *bullying*, ao passo de banalizar as ocorrências desse tipo de violência.

Este trabalho procura compreender o jogo de representações identitárias que os educandos em situação de *bullying* escolar de uma escola pública fazem de si e do outro por meio de redações do gênero relato pessoal, pois acreditamos que a produção do gênero relato permite que o outro se confesse, se narre, a fim de colaborar para a construção de sua própria identidade, na ilusória busca e fixação de sua autoimagem. De acordo com Foucault (1992, p.130), “[...] a escrita aparece regularmente associada à “meditação”, a esse exercício do pensamento sobre si mesmo que reactiva o que ele sabe”. Portanto, a confissão feita oralmente ou por escrito é a garantia do exercício do poder o que, por sua vez, leva-nos a dizer que, em um mesmo espaço social, as relações de poder podem ser exercidas por sujeitos diferentes.

Diante desse cenário, com esse trabalho, procuramos analisar o discurso do sujeito em situação de *bullying*, analisando o funcionamento discursivo das representações imaginárias de Pêcheux (1969), descrevendo o processo de (des)construção do processo identitário (HALL, 2011) desse sujeito. Também, embasados em Foucault (1988), buscamos examinar como o dizer do outro sobre o sujeito em situação de *bullying* emana de uma relação de poder, cujo sujeito passa a receber uma identidade por meio do efeito de dominação em que alguém fala em nome dele. Na verdade, conforme Coracini (2007), nas práticas discursivas, o sujeito é sempre dito pelo outro, pelo olhar do outro o que, por sua vez, impossibilita-o de escolher sua própria identidade.

## **Escrita de si**

Falar de si é traçar um caminho à procura de si mesmo, é colocar a língua em funcionamento. Esse processo discursivo é conflituoso e impulsionado pelas experiências pessoais, que são atravessadas por dizeres que se repetem e se contradizem. A escrita de si carrega consigo a marca constitutiva do emprego da 1ª pessoa do singular, uma vez que, ao enunciar, o sujeito reportar-se a si, narrando fatos e acontecimentos em que passado e presente dialogam-se incessantemente. Além disso, escritura de si revela efeitos singulares da história pessoal dos sujeitos, entretanto, independentemente do gênero textual discursivo que o sujeito escreve, por mais que ele busque um afastamento, uma objetividade, é possível identificar as marcas de si por meio das brechas da linguagem, mesmo porque todo texto carrega os traços daquele que o fez.

Para Foucault (2004), na idade média, a escrita de si desempenhava um papel de controle acerca das ações humanas. Desse modo, a escritura de si era concebida como um espelho de si, cujas ações humanas eram avaliadas como uma ferramenta de autoconhecimento que servia como dispositivo revelador sobre o “eu”. Daí surge o caráter autobiográfico e confessional da escrita de si como exercício no qual o sujeito recebia a absolvição de sua culpa ao confessá-la por escrito. Sob essa ótica autobiográfica, a escrita de si pode ser utilizada como autorreflexão, refúgio, desabafo e confissão. O ato de escritura de si também se constitui como uma invenção de si, visto que ela conduz o sujeito ao interior de si mesmo, ao ponto de construir uma imagem de si para si mesmo ou para o outro.

Em algumas circunstâncias, a escrita pode funcionar também como traço de uma resistência do sujeito frente ao outro. O fato de permitir que o sujeito se diga, configura-se um exercício de poder, já que escrever é ter a posse da palavra. Ao dar a palavra a alguém, segundo Coracini (2007), permite-se que o outro narre uma verdade sobre si mesmo. Verdade esta que é construída no entrecruzamento dos já ditos, atravessada pelo inconsciente e interpelada pelo olhar e pelo dizer do outro. A escrita de si não surge do nada, do vazio, ela ganha vida e sentido porque é arquitetada para o outro numa rede contínua de alteridade.

## **Formações imaginárias**

Em *Análise automática do discurso*, de Michel Pêcheux (1969), há uma proposta que orienta a análise acerca do jogo de imagens, que representa nos textos as condições de produção do discurso. Para o autor, nos processos discursivos ocorre uma série de imagens

que designam os lugares que os interlocutores se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar social e do lugar do outro.

Nesse jogo de imagens que permeia o processo discursivo, há um mecanismo de antecipação, que é considerado como um movimento interlocutivo imaginário de pôr-se no lugar do outro. Esse mecanismo contribui para a produção dos efeitos de sentido, visto que o sujeito fala a partir de um determinado lugar, cujas palavras significam de modo diferente do que se falasse de outro. Esses mecanismos de funcionamento do discurso são chamados de formações imaginárias.

Desse modo, os sujeitos não são físicos nem os seus lugares empíricos, sendo eles descritos sociologicamente, pois suas imagens levam em consideração as projeções. Com essas projeções, torna-se possível passar das situações empíricas para as posições dos sujeitos no discurso, havendo, portanto, uma distinção entre lugar e posição. Esse mecanismo de antecipação produz as imagens dos sujeitos em uma determinada conjuntura sócio-histórica, conforme Orlandi (2012, p. 42):

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como nossa, por relação de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos discursivos e instituições.

Em face do exposto, é possível perceber que as condições de produção do discurso e as imagens atribuídas aos elementos desse processo acabam criando as representações sociais que cada um desempenha no processo discursivo, visto que as condições de produção históricas se projetam no discurso como um jogo de imagens. Sendo assim, por meio das formações imaginárias, pode-se dizer que o sujeito cria representações de si mesmo, do mundo e do outro.

O mecanismo de antecipação de imagens discursivas faz com que se projete no processo discurso as imagens e os sentidos produzidos do lugar do interlocutor. Esse mecanismo de antecipação e o jogo de imagens do locutor, do interlocutor e do objeto do discurso, representam os processos discursivos, determinando os efeitos de sentido. Tudo isso vai contribuir na produção do processo de significação. Nesse sentido, o imaginário contribui para o funcionamento da linguagem, pois os sentidos mudam conforme mudam as suas condições de produção.

## Identidade

Estudada em diferentes áreas do conhecimento e perspectivas teóricas, a identidade tem sido objeto de estudo na contemporaneidade, porém isso não quer dizer que a reflexão em torno dela tenha se esgotado. Ao contrário, segundo Hall (2011, p.7), “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um indivíduo unificado”. Desse modo, o sujeito moderno tem passado pela chamada “crise de identidade”, uma vez que as mudanças constantes deslocaram as estruturas da sociedade moderna, rompendo com a ilusória ideia de que somos sujeitos integrados, unificados.

Com a globalização e o crescimento do capitalismo, as identidades passaram por permanentes mudanças e transformações na sociedade pós-moderna. As identidades que antes eram fixas e imutáveis, na pós-modernidade, elas podem ser revistas, reformuladas. No entanto, não houve uma transformação apenas das identidades de tradicionais para modernas, mas sim um deslocamento, uma fragmentação das identidades. Em seus trabalhos sobre os estudos culturais, Hall (2011) apresenta três concepções de identidade que existiram no decorrer dos séculos. Inicialmente, o autor apresenta a concepção do Iluminismo, mostrando que, nessa concepção, a identidade do sujeito o acompanhava do nascimento até a morte. Para Hall (2011, p. 11), os indivíduos eram dotados:

[...] de razão, de consciência e de ação, cujo —centro consistia em um núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou —idêntico a ele — ao longo da existência do indivíduo.

O sujeito do Iluminismo, como descreve o autor, era marcado pela individualidade, cujo cerne do seu “eu” estava em sua identidade. Na segunda concepção, denominada de sociológica, defendia-se que a identidade era construída na interação do “eu” com a sociedade. Nesse sentido, Hall (2011, p. 11) argumenta que:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.

Nesta perspectiva, o sujeito é constituído por meio de um diálogo contínuo com o universo da cultura. Nesse diálogo, ele mescla o que há em seu interior com a exterioridade cultural presente no mundo. Sendo assim, na concepção sociológica, a identidade passa a ser composta numa ótica interacionista entre o “interior” e o “exterior”, isto é, entre o eu e o outro o que, por sua vez, faz com que a identidade seja colocada no sujeito como uma armadura, já que ela busca estabilizar os sujeitos e os mundos culturais que eles habitam, tornando- os mais unificados.

No que diz respeito à terceira concepção, conhecida como sujeito pós-moderno, nela, há um descolamento, um descentramento do sujeito, tendo em vista o fato de que ele perdeu suas âncoras sociais que o faziam ter a ilusão de possuir uma identidade fixa e estável, acabada. Nesse novo cenário, as mudanças estruturais e institucionais impulsionadas pela globalização fizeram com que as identidades se tornassem abertas, contraditórias, inacabadas, ao ponto de permitir que o sujeito seja constituído por várias identidades e não apenas por uma. Com isso, elas também passaram a ser instáveis, fugazes, fragmentadas e até mesmo não resolvidas, conforme apontou Hall (2011, p.13)

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente.

Com essas palavras, Hall (2011) sustenta que a identidade tem ganhado mais mobilidade, por isso o sujeito, ao ser interpelado pelos sistemas culturais em que está inserido, ele pode ter sua identidade (re)construída constantemente. Nesse sentido, o processo identitário se dá à medida que o sujeito se relaciona nas múltiplas instâncias sociais, visto que os sistemas de significação vão sendo modificados, ao passo de criar uma infinita rede de identidades. Segundo Hall (2011, p. 22), na pós-modernidade, as identidades são muito mais efêmeras, fazendo com que o sujeito assuma diferentes identidades a partir das vivências nas diversas esferas sociais, “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”. Portanto, é com base na vivência com o outro, do discurso de si e do outro que o sujeito passa a ser social, cindido, heterogêneo, descentrado.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005) traz à baila o uso da expressão “líquido-moderna” para designar a desintegração de discursos sólidos, fixos, previsíveis,

institucionalizados e também para descrever as mudanças radicais e irreversíveis que a globalização tem causado às pessoas. Na sociedade líquida, é preciso atender às exigências das leis do mercado de consumo, pois o *status* gera poder, entretanto, os que não podem participar desse jogo, tornam-se excluídos. Dessa maneira, a exclusão é a marca de quem teve sua identidade negada pelo outro. Bauman (2005, p. 45) apregoa que “Há um espaço ainda mais abjeto – um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor, são empurradas) as pessoas que têm negado o direito de *reivindicar* uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta”.

Para o autor, aqueles que tiveram negado o direito de escolher sua própria identidade são impedidos de manifestar as suas preferências, assim, são oprimidos, estereotipados e humilhados. Além disso, segundo o sociólogo polonês, as identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais têm passado por um processo contínuo de transformação, uma vez que a insegurança e a incerteza têm sido as principais responsáveis pelas mudanças nas identidades das pessoas na contemporaneidade. Nesse sentido, de acordo com Bauman (2005, p.100):

Ocorrem as mudanças e os deslocamentos aparentemente aleatórios, fortuitos e totalmente imprevisíveis daquilo que, por falta de um nome mais preciso, chamamos de “forças da globalização”. Elas transformam a ponto de tornarem irreconhecíveis, e sem aviso, as paisagens e perfis urbanos a nós familiares em que costumávamos lançar as âncoras de uma segurança duradoura e confiável. Elas realocam as pessoas e destroem as suas identidades sociais. Podem transformá-los, de um dia para outro, em vagabundos em teto, endereço fixo ou identidade.

Diante desse cenário, é arriscado demais defender a ideia de uma única identidade para toda a vida, pois as identidades estão aí para serem usadas, moldadas e não armazenadas. Portanto, não devemos nos fixar a uma identidade, visto que, na modernidade líquida, a (re)construção da identidade passa por um processo de experimentação infundável. O indivíduo assume uma identidade em um determinado momento, mas ao longo da vida, ele assumirá muitas outras, que talvez nunca tenha sonhado ou cobiçado, mesmo porque adotar uma identidade coesa, solidamente construída, além de ser uma fantasia, seria uma limitação da liberdade de escolha.

### **Análise e discussão dos dados**

Foram coletados aproximadamente sessenta e quatro relatos pessoais de alunos do ensino fundamental do 8º ano e 9º ano de uma escola estadual do interior de São Paulo. A



escolha por essa escola ocorreu devido às constantes agressões físicas e verbais ocorridas entre os alunos, que foram presenciadas pelo pesquisador e por outros profissionais da unidade escolar. Essa produção traz como tema “A minha vida na escola”.

Para desenvolver o texto, foi solicitado ao aluno que ele relatasse os aspectos positivos e negativos de seu cotidiano escolar. A aplicação da produção textual foi feita pelas professoras de língua portuguesa das respectivas séries em horário normal de aula. Vale ressaltar que os educandos receberam a informação de que se tratava de uma atividade de produção textual rotineira. Portanto, os escolares não foram informados a respeito dos objetivos da proposta de produção. Adotamos essa postura embasados nos referenciais teóricos de Fante (2005), pois, segundo ela, o escolar em situação de *bullying* reluta em falar abertamente sobre o assunto devido ao sentimento de vergonha em ter que admitir que vem sofrendo gozações e intimações dos colegas. A seguir, encontra-se o relato selecionado para análise:

R1:[...] **quando era criança**, eu sofri **muito** bullung, por ser **gorda**, as outras crianças **me chingavam de gorda, gorducha, baleia, baleia assassina, baleia fora d' água** e varios outros apelidos grosseiros, elas riem de mim, fazinham piadas sem graça, eu não gostava **me sentia muito triste, chatiada** e **"isso me magoava muito**. Na frente dessas crinaças eu dava rusada e fingia que não ligava, que não tava nem ai; mas quando estava sosinha em casa ficava lembrando e chorava as vezes, **isso** me dava raiva e as vezes **até me batia. Até hoje tenho essas lembranças ruins, mas agora nem ligo mais, me aceito do jeito que sou** e que se dane o que os outros pensam ou digam de mim, **quero mais é ser feliz!** (Aluno 03)

Ao fazer referência ao passado com o uso da conjunção subordinativa temporal “quando” acompanhada do verbo “ser” no pretérito imperfeito do indicativo, o enunciador reconstrói sua memória por meio do enunciado “**quando era criança**”. Em seguida, o advérbio de intensidade “muito” revela o efeito de sentido de que as ofensas não ocorriam de maneira esporádica, mas que os ataques ao sujeito em situação de *bullying* eram frequentes. Ao enunciar, o sujeito retoma um acontecimento discursivo inscrito em sua memória, no qual ele se vê representado fora dos padrões de beleza estabelecidos e impostos pela contemporaneidade, pois sua autoimagem é representada como uma pessoa “gorda” o que, por sua vez, gera nele um efeito de rejeição, de incompletude, de não aceitação, já que o seu corpo não atende aos padrões normativos de beleza. Esses padrões foram criados pela moda na qual se observa um investimento de si, uma auto-observação estética. Segundo Lipovetsky (2009, p.42), “A moda tem ligação com o prazer de ver, mas também com o prazer de ser visto, de exhibir-se ao olhar do outro”. Diante de cenário da moda, o que se tem notado é um



culto estético de si, uma autovigilância, que busca corrigir determinadas partes do corpo dos sujeitos. Nesse sentido, a pessoa “gorda” passa a ser aquela que perdeu o controle de si.

A mídia tem produzido e vendido o estereótipo de beleza corporal, fazendo com as pessoas acreditem que a magreza é o modelo de beleza para se chegar à felicidade. Assim, o sujeito fica assujeitado a essa ideologia midiática, que costuma apresentar padrões irreais e inatingíveis de beleza, como bem observou Lipovetsky (2009, p.259) “a cultura de massa alimenta a vida; por outro, atrofia a vida. Sua obra é “hipnótica”, ela só sacraliza o indivíduo em ficção, engrandece a felicidade tornando irreais as existências concretas, faz “viver por procuração imaginária”. Com essa normatização e homogeneização dos corpos, as identidades desviantes são suprimidas e tidas como anormais, como se observa nos termos “gorda, baleia, gorducha”. Ao ser representado por esses atributos, compreende-se que foi negado à escolha de identidade ao sujeito em situação de *bullying*, pois ele não teve o direito de manifestar as suas preferências, cuja identidade lhe foi imposta por meio do que Foucault (1998) chama de relação de poder, que estereotipa, estigmatiza, produzindo um efeito de sentido de rejeição, reprovação. Nesse sentido, Fante (2005, p.61) argumenta que “O poder do agressor é exercido pela imposição de autoridade respaldada na força física e/ou psicológica que o destaca perante o grupo, transformando-o num modelo de identificação a ser seguido”. Desse modo, pode-se compreender que o processo identitário está inteiramente ligado ao processo de representação, uma vez que esses apelidos produzem um efeito de sentido como se o corpo do sujeito tivesse que ser corrigido para, assim, receber aceitação social.

Os adjetivos “triste” e “chateada” contribuem para produção dos efeitos da auto-representação do sujeito em situação de *bullying*, uma vez que ele desloca seu olhar para si, construindo para si uma imagem de si, embora, como defende Coracini (2007), as imagens são criadas no/pelo olhar e dizer do outro. Dessa maneira, a autoimagem do sujeito revela o efeito da perda de sua identidade, visto que ele assume sua imagem como base naquilo que o outro deseja que ele seja. Em outras palavras, sua identidade é construída por meio do desejo do outro, como se observa nos enunciados ditos pelos alunos agressores “gorda”, “baleia”, “gorducha”, “baleia assassina”. Além disso, esses sintagmas categorizadores reforçam o efeito de sentido de que a representação identitária desse sujeito resulta na sensação de não pertença ao grupo dos demais alunos da escola.

O pronome demonstrativo “isso”, presente na linha cinco, exerce a função de anáfora encapsuladora, visto que recategoriza, de maneira resumida, os xingamentos feitos pelos colegas de classe. Além disso, seu uso gera um efeito de silenciamento, pois o sujeito evita

repeti-los em sua escrita de si, mesmo porque como o próprio sujeito diz “**isso** me magoava muito”. Assim, se as palavras o magoam, é melhor não dizê-las, optando pelo uso de um referente capaz de resumir todos os ataques verbais sofridos. Dessa maneira, ao ser representado pelos apelidos atribuídos pelos alunos agressores, observa-se que a identidade do sujeito se desloca de acordo com a forma pela qual ele é interpelado diante dos demais alunos.

Na sétima linha, o sujeito emprega novamente o dêitico referencial “**isso**” como efeito de silenciamento aos xingamentos proferidos pelos colegas. Mais adiante, o sujeito diz: “até me batia”. O uso da preposição “até”, ao ser acrescida ao ato de se bater, produz um efeito de representação com base naquilo em que está faltando no corpo do sujeito, ou seja, o sujeito passa a se confrontar com sua autoidentificação. Assim, conforme Foucault (2002), o sentimento de culpa recebe sentido com base na ideologia religiosa, cuja instauração se dá por meio da vigilância nos corpos dos sujeitos. Nesse sentido, o uso do verbo “bater” gera efeito de sentido de culpa, mesmo que o sujeito não tenha cometido nenhum ato errôneo. Frente a essa situação, Fante (2005, p.) acredita que “A partir do momento em que os valentões da classe o atacam, o aluno agredido chega até a estranhar quando pouco hostilizado, pois, no fundo, acredita que não tem valor e que é merecedor dos ataques”. Assim, o dizer do outro sobre o sujeito o leva à autopunição, que é produzida com o efeito da revelação de si e que vem acompanhada de sofrimento, de vergonha pelo fato dele sentir que está passando por uma crise identitária.

Na expressão “até hoje”, respectivamente, por meio da preposição que, segundo Neves (2011) resulta num efeito de limite final de tempo e do advérbio de tempo “hoje”, é possível compreender que o já-dito se traduz nas marcas da diferença física, que reforçam os efeitos da crise identitária do sujeito, visto que ele é representado pelas imagens que ele faz de si mesmo. Assim, o dizer hegemônico busca moldar o corpo do sujeito aos padrões da normalidade. Desse modo, a representação identitária desse sujeito passa ser medida e classificada por suas qualidades físicas, uma vez que esse efeito de falta de inteireza deriva da construção do corpo ideal tão difundido pela comunicação midiática.

Além disso, o dêitico temporal no enunciado “Até **hoje** tenho essas **lembranças** ruins” se opõe ao enunciado que vem a seguir não apenas pelo uso da conjunção adversativa “mas”, já que o sujeito comete um lapso de linguagem ao contrapor os dêiticos da mesma instância enunciativa temporal **hoje-agora**. Observa-se que ambos os dêiticos temporais remetem ao mesmo ato enunciativo, porém, o sujeito, por não ter controle sobre o seu dizer, deixa escapar

a contradição dos sentidos pelas brechas da linguagem. Dito de outra maneira, inicialmente, o sujeito mostra-se bastante marcado pelos dizeres do passado.

Em seguida, ele tenta, ilusoriamente, passar a impressão de que essas marcas foram cicatrizadas como se nota em “mas **agora** nem ligo mais, me aceito do jeito que sou”. Esse enunciado remete ao que Coracini (2007, p.17) descreveu acerca da ilusão de completude, de verdade, de significação identitária do sujeito “[...] totalidade ilusória que constitui o imaginário e, como tal, a identidade do sujeito: ilusão de inteireza, de totalidade, coerência, de homogeneidade que torna cada um e todos socialmente governáveis [...]”. Além disso, embora o sujeito diga que se aceita diante dessa diferença física, ele sabe que sua aceitação apenas não basta, pois ela está condicionada à aprovação pública. O substantivo abstrato “lembança” traz consigo um efeito de sentido de que, para que ela exista na memória não é preciso apenas que alguém a tenha, mas, segundo Davallon (1999), para que a lembrança emerja, há a necessidade de que o acontecimento passado tenha sido compartilhado com outros sujeitos da comunidade, nesse caso, da comunidade escolar, já que, ao sofrer *bullying*, o sujeito era exposto aos demais alunos da classe: “as outras crianças me chingavam”. Dessa forma, a representação de si é construída a partir das experiências pessoais desse sujeito, visto que o enunciador lança seu olhar para si mesmo por meio das imagens de si, que são criadas no convívio com o outro.

Com o uso do verbo “quero” na primeira pessoa do singular no presente do indicativo e do verbo “é” também no presente do indicativo e acompanhado do verbo “ser” no infinitivo em “**quero** mais **é ser** feliz”, é possível notar a busca do sujeito pelo que deseja ser: “Feliz”. Os efeitos de sentido do emprego do verbo “quero” apresentam um sujeito que não está feliz, ou melhor, que não está satisfeito com a maneira de ser de seu corpo. Dessa forma, compreende-se que ele não é feliz, mas que busca alcançar a felicidade, uma vez que está sendo representado a partir das imagens de si, que são atribuídas pelo olhar do outro. Ao ser rejeitado e excluído no espaço social escola, a identidade do sujeito em situação de *bullying* é devorada, forçando-o a moldá-la para que seja aceito socialmente.

## Considerações

Nesse estudo, pôde-se observar que o olhar do outro, o dizer do outro contribuiu para a (de)construção da identidade do sujeito em situação de *bullying*, uma vez que a identidade que já está dentro do indivíduo passou a ser “preenchida” pelos dizeres dos outros. Além

disso, as representações imaginárias que o educando em situação de *bullying* faz de si revelaram um sujeito desidentificado, já que lhe foi imposta uma identidade, impedindo-o de escolher sua própria identidade, visto que os apelidos atribuídos ao sujeito apresentam uma visão do sujeito anormal, aquele que, para o outro, precisa ser corrigido, pois a diferença não lhe foi assegurada. Desse modo, as marcas da diferença física se converteram num sinônimo indissociável, inevitável da identidade do sujeito em situação de *bullying*. Também, com essa escritura de si, vimos que o sujeito está à procura de uma identidade completa, pronta, acabada, isto é, ele busca uma afirmação, uma verdade sobre si por meio de sua identidade e na relação com o outro, porém o sujeito é constantemente interpelado por uma relação de poder.

Diante desse cenário, também verificamos que os processos identitários emergem de movimentos ancorados tanto na diferença como na similitude do sujeito em relação ao outro (eu/ espelhamento do outro), uma vez que o sujeito em situação de *bullying* tem sua identidade constituída em seus traços físicos. Já o sujeito agressor é representado pelo discurso do sujeito vítima como aquele que tenta domesticá-lo, nomeá-lo, confeccioná-lo, ao ponto de não respeitar suas diferenças. Dito de outra maneira, a identidade do sujeito em situação de *bullying* foi (re)construída numa ambivalência (eu e o outro), cuja singularidade dele não foi reconhecida no lugar social escola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CORACINI, M. J. R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre. [et al.]. [1983]. *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2010, p. 23-37.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FOUCAULT, M. (1991) *A Escrita de Si*. In: Ditos e Escritos V. RJ: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, [1975], 2002.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.



HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: DPU&A, 2011.

LIPOVETSKY, G. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NEVES, M.H. de Moura. *Gramática de usos do português*. 6. reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso*. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1969.